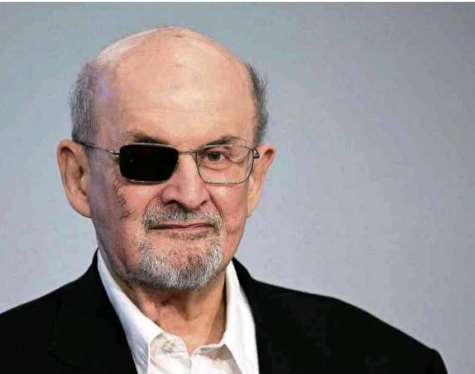


ilustrada

Salman Rushdie decreta em livro que os poderosos se tornarão só pó

'Cidade da Vitória', publicado depois do atentado contra o escritor, se equilibra entre ser alegoria feminista ou paródia



O escritor Salman Rushdie, autor de 'Cidade da Vitória' RUI HADJIPIERIS/REUTERS

LIVROS

Cidade da Vitória

★★★★★

Autor: Salman Rushdie e Tadi. Paulo Henriques Brito. Ed. Companhia das Letras. R\$ 95,90 (384 págs.). R\$ 44,90 (eBook)

Alcyr Pereira

'Cidade da Vitória' é o primeiro livro de Salman Rushdie após o atentado que o escritor sofreu em Chautauqua, no estado americano de Nova York, no ano passado. Nem por isso é um livro desprovido de humor e até leveza, a despeito da quantidade de referências que um leitor como eu, ignorante da história medieval da Índia, se defronta com ele. A narração é engenhosa, como se se tratasse da paráfrase em prosa, por um autor irreverente, de um poema alegadamente extraordinário — 'Jay-aparajay', ou 'Vitória e Derrota' —, escrito em sânscrito

to pela protagonista, a 'bruxa' Pampa Kampana. Ela só o concluiu no último dia de vida, aos 147 anos, se mantendo bela e desejável nesse tempo. Apremissa dramática do poema é talvez o episódio mais marcante do livro, quando Pampa assiste, aos nove anos, ao suicídio coletivo das mulheres do seu reino, no sul da Índia, após a derrota dos homens numa batalha do século 14. Atônita, a menina, que já não reconhecia a exclusividade masculina em nenhuma atividade ou profissão, jura jamais sacrificar a vida por homens. Recebe então a bênção da deusa Parvati, que passa a falar através dela. Passados mais nove anos, insuadida em todos os saberes, Pampa, sempre possuída, cria uma cidade inteira, depois batizada de Bisanaga, a partir dos sussurros celestiais que profere no exato lugar do sacrifício das mulheres.

A sua fala gera homens, mulheres, crianças, sonhos, pássaros, muralhas, habitações e tudo o mais. Essa lista que fita é toca em face do capricho de Rushdie para construir as suas enunciações, um dos principais recursos da sua narração. O poema divinamente inspirado de Pampa Kampana relata desde a fundação até a destruição da cidade, passando pelos tempos de nascimento, exílio, glória e queda. Rushdie se demora mais no primeiro, que é também o mais interessante e coeso. Descontados os episódios dos sussurros de Pampa, toda a história posterior de Bisanaga se constrói em torno das peripécias da disputa pelo Trono do Macaco. A lembrança de 'Game of Thrones', de George R. R. Martin, é plausível, embora Rushdie aplique uma perspectiva unificada e um desenvolvimento étnico e religioso mais histórico.

Também é notável a habilidade estilística com que o autor imita as crônicas medievais, sua variedade e copiosidade, as quais, às vezes, se inclinam mais para contos de fadas, outras vezes para epopeias ou crônicas palacianas. Tal estilização mimética se vê tanto à alegoria como à paródia dos eventos históricos. A primeira situa a vida humana como uma luta entre homens comuns e mulheres extraordinárias, o que torna o livro uma declaração feminista dos direitos iguais entre homens e mulheres.

A paródia está no gosto por narrar ridículos dos poderosos, nas tiradas sobre as normas religiosas tacanhas e os costumes xenófobos e também na veemência sexual de Pampa, que não quer apenas ter ofício, poder e glória, mas também sexo em profusão, inclusive com estrangeiros. Juntando tudo, o roman-

co tem duas conclusões diversas e passíveis de combinação. De um lado, anuncia a história como mudança constante, na qual tudo passa, mas nada mais rapidamente do que as melhores épocas — o que significa que, afinal, a escolha de idiotas para ocupar os postos de poder é mais natural do que o oposto. Do outro, Rushdie postula que, se alguma vitória é possível, não é a do poder, necessariamente provisório e curto, mas a da literatura que narra o 'tempus fugit'. É 'Jay-aparajay', a verdadeira 'Cidade da Vitória', e não Bisanaga.

Com esse giro metalenguístico, Rushdie parece dizer aos senhores da vez que eles acabarão como pó, sombra e nada, como tudo o mais, e só restará a literatura a contar isso mesmo. Se isso se trata de um repto de Rushdie aos que decretaram a sua morte, é, apor-ta-meio óbvia, que deixa no ar

— O autor imita crônicas medievais, que às vezes se inclinam mais para contos de fadas, outras vezes para epopeias ou crônicas palacianas

Ele situa a vida humana como uma luta entre homens comuns e mulheres extraordinárias

A paródia está no gosto por narrar ridículos dos poderosos

Joca Reiners Terron usa minotauros para denunciar abatedouros

LIVROS

Onde Pastam os Minotauros

★★★★★

Autor: Joca Reiners Terron. Ed. Todavia. R\$ 69,90 (184 págs.). R\$ 40,90 (eBook)

Ligia Gonçalves Diniz

No mito grego, o minotauro é um ser parte bovino, parte humano, que guarda as consequências da recusa do rei Minos em sacrificar um bezerro a Poseidon — o deus faz a rainha Pasípe se perder de amores pelo bicho, seduzir a criatura e conceber o monstro. Minos manda então construir um enorme labirinto para isolar do mundo o minotauro, que se alimenta de jovens enviados ali para serem abatidos, promovendo uma troca hiperbólica de sacrifícios. Em 'Onde Pastam os Minotauros', Joca Reiners Terron transporta o mito para o universo igualmente brutal de um abatedouro halal, que produz carne para o Oriente Médio no interior do estado de Mato Grosso contemporâneo. O labirinto agora é o curral circular, e o sacrifício, sob a perspectiva das espécies, é democrático. Matam os bois do lado de dentro, enquanto morre de fome, fora dali, o povo miserável. No entanto, como poderemos ler mais adiante no texto, os homens 'perderam qualquer sentido de compreensão do sagrado'. Nessa queda, se opera um deslocamento na relação entre o humano e o bovino. Não mais posta como maldição é a interação entre eles que pode surgir alguma redenção. Terron constrói essa ideia por meio do Cão, um dos

funcionários do abatedouro. Criança, o personagem vive uma proximidade amorosa com o rebanho do pai adotivo, adulto, ele experimenta certa conexão psíquica com os bois que conduzir para a morte. É o manejador ideal — levando os animais com tranquilidade, ele consegue garantir a qualidade de sua carne. O Cão se dá conta, com horror, de que seu amor pelos touros é usado para gerar lucro à empresa e deixa seu posto, passando ao tráfico de drogas, que o leva à prisão. Quando o conhecemos no romance, está de volta ao abatedouro, ao lado da namorada Lucy e do irmão de criação, o Crente, assim como Ahmed, o degolador palestino responsável pelo abate religioso — é cruel — dos animais. Todos eles têm motivos para querer estar longe dali, bem como para se vingar dos homens que só encaram a violência como um negócio. Eles então elaboram um plano, cujo desenrolar podemos acompanhar num bem construído ritmo de thriller. Entremeadas aos capítulos de ação, encontramos reflexões que vão do político ao metafísico. Enquanto os revoltosos se questionam sobre a real possibilidade de saírem das espirais em que estão metidos, os sócios da empresa se preparam para pôr em prática uma demissão em massa. O esmero nas minúcias da realidade é excessivo — do pastor que constringe os filhotes a não deixar a grei na pastagem ao médico cubano que não deixou o trabalho, há bores demais sendo apertados. Mas isso não compromete



O escritor Joca Reiners Terron, autor de 'Onde Pastam os Minotauros' RUI HADJIPIERIS/REUTERS

o livro, no qual Terron mostra que a denúncia da desigualdade social brasileira é mais vigorosa quando explora imaginativamente a ambiguidade moral humana, a labolação lírica e a sofisticação formal. O autor é feliz quando mais se arrisca. É o caso da trilha aberta entre a alucinação e a fantasia, na qual nos deparamos com a imagem de meninos-touros povoando o centro do curral, como uma síntese da sina local de gerar os filhos que produzirão a carne interdita a eles próprios, em uma espécie de curto-circuito da dinâmica dos sacrifícios. Quem intui esses minotauros é o Cão, que também navega os pensamentos dos bois cativos. Estes são trazidos à narrativa por meio de um spin-off do poema de Drummond, 'Um Boi Vê os Homens', que Terron explora, com sucesso, em cinco de 44 capítulos. Sua tristeza, pensam os bichos sobre nós, 'não é uma tristeza como a nossa, de quem não tem voz, mas sim a tristeza de quem tem voz, mas não pode exprimir nada'. Transportando a voz aos bois, libertos do canismo tão humano, somos confrontados com uma consciência que, diante da confluência entre tristeza e crueldade, tem como única reação a perplexidade. 'Ninguém ouviu essa história. A história do minotauro do ponto de vista dos bois', escreve Terron na última das passagens bovinas. Continuamos sem ouvir, afinal isso tudo é ficção. Mas o mero exercício de se sacrificar a fim de imaginar o outro adiciona uma camada de humanidade ao Cão e de decência a nós.